CADA ACIDENTE TEM SEMPRE UMA CAUSA

- Travessia de cruzamentos de ruas ou estradas sem o devido cuidado
- Mudanças de direcção sem que se tomem as devidas precauções
- Avaliação incorrecta do espaço, da distância ou das velocidades, nas ultrapassagens
- Ultrapassagem em curvas, lombas, cruzamentos, entroncamentos de estradas ou passagens de nível
- Excesso de velocidade
- Falta de cumprimento das normas relativas às luzes
- Inversão de marcha sem a devida atenção

Continuação da página 2

Aveiro, 25 de Agosto de 1962 * Ano VIII * N.º 409

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA» R. DE HOMEM CRISTO—TEL. 23886—AVEIRO

Um arrependido confesso:

PORTUGAL TEM RAZÃO

Artigo do DR. QUERUBIM GUIMARÃES

É a voz de um americano, o sr. Richard Galary, numa carta que dirigiu ao director do jornal «Standard Times» de Nova Bedford (Estados Unidos. Escreveu muito contra Portugal, a propósito da nossa situação ultramarina; e agora reconhece o seu erro, arrepende-se do mal que fez e tem a coragem de o publicar, para que o Mundo saiba que errou, e, portanto, os que iludiu com o seu erro se desiludam e façam justiça a Portugal.

Exclama então, penitenciando-se do mal que nos fez perante a opinião publica americana:

— «Enganei-me! Portugal tem razão!»

É digno de perdão, mas reparará todo o mal que nos causou?

Começando nessa sua carta por afirmar ter tido sempre a opinião de que o homem deve admitir que se enganou quando o seu erro lhe tenha sido provado, declara ter-lhe chegado essa ocasião para provar a validade dessa afirmação. E escreve:

— «Estou positivamente convencido de que 99 por cento das minhas opiniões sobre Portugal (Angola, Goa, e colonialismo português) eram falsas ou erradas.

Sei, agora, que não tinha razão e publicamente apresento desculpas por quaisquer declarações prejudiciais que tenha feito contra Portugal e a sua política».

Conta então o que se passou com ele e o fez mudar de opinião.

Diz que, em 30 de Junho, a seu pedido, foi recebido por Simão C. Tenreiro na sua residência de Nova Bedford, e com ele trocou discussão a propósito do caso português, na Imprensa, não no campo pessoal, mas no campo ideológico.

Simão C. Tenreiro, que deve ser um dos muitos luso-americanos que ali na América fixaram residência e como americanos se nacionalizaram constituindo lá família, recebeu o adversário dos jornais em sua casa com toda a amabilidade e mostrou-lhe várias cartas, folhetos, livros, etc., de que dispunha e que provam, para além de qualquer dúvida:

«1) — Que Portugal tem razão na sua política ultramarina.

2) — Que Goa faz parte de Portugal, tanto como o Hawai faz parte dos Estados Unidos.

3) — Que são os terroristas estrangeiros os responsáveis pela perturbação de Angola e não nativos rebelados.

4) — Que as Nações Unidas têm tanto direito de inquirir sobre as condições existentes em Angola como teriam de investigar as condições de vida do Alasca (o mais recente Estado criado na Confederação Americana).»

E donde essas informações? Portuguesas? Só portuguesas?

Richard Galary, porém, explica:

— «Fossem as fontes de informação de Simão Tenreiro inteiramente portuguesas e eu teria duvidado ainda. Mas são tantas as informações não portuguesas, que fiquei inteiramente convencido de que me enganava. Vi igualmente provas de que

Continua na página 4

SINAL DE PERIGO

EM EDITORIAL de notável objectividade, certo conceituado matutino lisboeta acentuava, há dias, que, transposta de fora a nossa fronteira, logo em terras lusas se notava uma lentidão de vida anacrónica da época em que vivemos e dessincronizada em relação aos povos de outras latitudes. E assacava primordiais culpas à burocracia e aos burocratas nacionais, que nos quebrantam as energias asfixiando os mais nobres alentos sob himalaias de papelada inútil, de formalismos escusados, de contumélias por demais reverenciosas; a ponto tal — acrescentava — que um recente diploma saneador das sarnas formulárias e proxísticas deu de ventas contra o muro duma rotina que se dirá obstinada em deslustrar a autoridade da lei e em mandar para os infernos as suas belas intenções. Vai daí que continuamos a pagar o licenciamento dum reles fraldiqueiro, não só com preço em moeda corrente, mas com a arreliadora espera pelo preenchimento de nada menos do que cinco impressos, solenidade indispensável à vivência legal de rafeirito que nos guarde a capoeira do assalto de pilha-galinhas, nos ajude na caça à lebre ou nos dê o regalo da sua canina — e imerecida... — fidelidade.

Em suma: cá vamos vivendo na santa regra das regras e no consequente e morno entorpecimento a que orgulhosamente chamamos a paz do Senhor.

Ora tão observáveis verdades, a informar, no geral e no particular, premissas rigorosas, deveriam conduzir à lógica conclusão de que, por essas rodovias de Portugal, desde a estreita serpe alcatroada dos povoados rústicos às raras auto-estradas com que tão pretensiosamente julgamos deslumbrar o forasteiro, se caminharia a passo de boi, mesmo em bólide de trezentos cavalos; que a vasta teoria de regras a que estamos oficialmente conformados daria ao condutor e ao peão, não diremos o senso, mas, por força do hábito, a pendência para obedecer, por igual, às leis do trânsito — e nem importaria que o fizessem com a mesma pávida submissão que pontualmente os leva, arreceados do relaxe, ao balcão do fisco, bastando que procedessem pelos ditames da ponderada e tranquila ciência de que a transgressão na via pública lhes poderá custar, não apenas a desprezível fazenda, mas a própria e preciosa vida.

A lógica, porém, não é, ao que parece, o único comando das rigorosas conclusões: metei nas mãos do mais pachorrento e timorato dos nossos labrostes uma qualquer motoreta — e aí o tendes a desmandar-se, estrada fora, em correria alucinada, que tantas vezes só encontra travão nalgum muro, num tronco de árvore ou nos sólidos taipais dum laborioso caminhão; vede o nosso «venezuelano» de torna-viagem, sempre endomingado em trajo primaveril, ao amplo volante do seu «espada» largo e chato como uma raia — e não reconhecereis, na andaina luzente e na estonteante velocidade com que nos tangencia a pele eriçada, o lapuz pobretana que há dez anos conduzia, à soga, para o agro a arrotear, a paciente junta do honrado

Continua na página 2

SINAL DE PERIGO

Continuação da primeira página

patrão; vede o «menino-bem», impante de suficiência, paradigma duma vida estagnada como charco lodoso, «disparado» a cento e oitenta (e a guiar com um só dedo!...) no «sport» garrido que o pai lhe deu para engordar os ócios — e certamente rogareis à Virgem que vos preserve e aos vossos filhos de qualquer fortuito encontro com um tal Fangio de pacotilha; reparai no peão, descuidado como «O Indiferente» de Watteau ou indiferente como «O Filósofo» de Hans Dieter, a atravessar uma rua babilónica, congestionada de pressas em aço, — e tereis a imagem do individualismo canhestro, que reivindica para a lesma sagradas prerrogativas sobre a lebre.

Ora são estes e quejandos desconcertos, reverso desconchavado da nossa proverbial ronceirice e pávidas cautelas no comum do dia-a-dia, as causas principais e reincidentes da sangueira humana que empapa tràgicamente os caminhos portugueses.

Mostram as estatíscas que o nosso País detém na Europa, se não no Mundo, o macabro «record» de peões mortos por acidentes rodoviários. As dramáticas cifras de vidas assim roubadas à vida nacional, que tanto delas carece, impõem medidas urgentes que as pulverizem: há que ser inflexível para com os que usam a via pública como meio particular de satisfazer perigosos caprichos, mórbidos prazeres de velocidades, quixotescas ostentações duma pretensa perícia que a própria imprudência desmente; há que ser implacável para quantos, condutores ou peões, revelam, no desrespeito às regras do trânsito, o mais abominável desprezo pelo valor da vida humana, alheia ou própria; há que desimpedir as grandes vias — e esta tarefa compete aos poderes públicos — da incidência das serventias privadas, donde inesperadamente surgem a carroça agrícola ou as alfaias da lavra; há que regularizar os pisos, suprimir curvas onde a morte tem feito copiosa colheita, evitar quanto possível cruzamentos nas mesmas cotas...

...Mas há essencialmente que educar o utente da via pública.

O já tão prestigiado «Diário de Lisboa» ajuntou aos títulos que tanto o dignificam mais um nobilíssimo título de que justificadamente pode ufanar-se e que obriga todos os portugueses a tributar-lhe a mais ampla gratidão: saindo, uma vez mais, à liça dos magnos problemas, o simpático vespertino organizou, com a preciosa colaboração da *Escola de Trânsito da Shell*, a «III Campanha de Segurança Rodoviária», de que Aveiro já colheu, como noutro lugar deste jornal se noticia, assinalável benefício.

Todos não somos demais nesta ingente cruzada; e também nós, na modéstia dos nossos recursos, aqui estamos para secundar os magníficos esforços da grande Imprensa — pois, como ela, pensamos que, para acertarmos o passo com os países mais progressivos, precisamos de andar mais lestos nas repartições públicas e mais lentos e cautos na via pública.

CADA ACIDENTE TEM SEMPRE UMA CAUSA

Continuação da primeira página

Falta de atenção quando se conduz

Falta de cuidado na abertura das portas do lado da via pública

Saída súbita do local de estacionamento **Estacionamento em locais impróprios**

Fadiga e sonolência durante a condução **Uso imoderado de bebidas alcoólicas**

Desobediência aos sinais de trânsito

digno de aplauso

Por iniciativa do Rotary Clube de Aveiro, que desde logo encontrou franco acolhimento na Direcção do Distrito Escolar, vai ser editado um Código de Trânsito Infantil *— que se destina a difundir entre as camadas juvenis as principais regras orientadoras do tráfego rodoviário.*

Assim, como resultado desta medida de largo alcance — digna dos nossos melhores aplausos e louvores —, o ensino das aludidas regras passará a fazer parte integrante da instrução escolar primária dos jovens do Distrito de Aveiro. E, por certo, dos bancos das nossas escolas sairá uma nova e necessária mentalidade — fruto da educação que propiciará um futuro menos negro e menos trágico no campo dos acidentes.

Estatística sombria...

★ *Em 1960, em Portugal, havia os seguintes veículos: 191 462 automóveis ligeiros; 25 154 automóveis pesados; 26 283 motociclos; 8 856 tractores.*

★ *Nesse mesmo ano, registaram-se 18 900 acidentes — 620 mortais, 11 917 não mortais e 6 363 que só causaram danos materiais.*

★ *Na mencionada série de desastres, intervieram 27 758 veículos, assim discriminados: 16 026 automóveis ligeiros; 2 179 veículos pesados; 1 601 motociclos; e 7 934 veículos diversos.*

Num recente estudo da O. N. U. verifica-se que os troços de estrada mais perigosos, tendo em vista o número de acidentes mortais neles ocorridos, são os seguintes:

Rectas	47 %
Cruzamentos e bifurcações	29 %
Curvas	12 %
Descidas	7 %
Lombas	2 %
Passagens de nível	2 %
Afunilamentos	1 %

Afirmações autorizadas:

Em recentes e oportunas declarações ao «Diário de Lisboa», o ilustre Presidente da Direcção do Automóvel Clube de Portugal, Dr. Mário Madeira, pôs em evidência:

● *Prudência, previsão e cortesia — chave da segurança.*

● *A errada noção de que toda a estrada nos pertence aumenta o perigo para os outros.*

● *O condutor distraído e imprudente é um criminoso.*

● *As questões de segurança resumem-se num problema de educação, ponderação e bom-senso.*

III Campanha de Segurança Rodoviária do «Diário de Lisboa»

A ESCOLA DE TRÂNSITO DA «SHELL»

alcançou grande sucesso em AVEIRO

NA segunda-feira, pelas 16.30 horas, realizou-se, como estava, anunciado, no Pavilhão Desportivo do Beira-Mar, uma exibição da *Escola de Trânsito da Shell* — por iniciaiva e em organização do «Diário de Lisboa», no decurso da sua III Campanha de Segurança Rodoviária.

Após anteriores exibições em Leiria, Coimbra e Porto, a Escola de Trânsito veio a Aveiro divulgar as regras que orientam o tráfego de veículos e peões, veio ensinar os nossos jovens a andar na via pública.

O certame alcançou grande sucesso — que bem se pode avaliar pelo elevado número de rapazes e raparigas (73) inscritos para participarem nas provas. E, embora tenha concitado o interesse de muitos espectadores, pena foi que se tenha realizado de tarde, em hora imprópria para muitas pessoas — retidas pelas suas ocupações profissionais e, por isso, impedidas de assistirem à exibição da Escola. Realmente, foi pena que não se pudesse modificar o horário, transferindo a notável demonstração para a noite, em altura mais favorável ao público — que, por certo, então encheria o recinto.

*

Presidiu, em representação do Chefe do Distrito, o Secretário Geral do Governo Civil, sr. Dr. António Joaquim Lopes, ladeado pelos srs.: Tenente Joaquim Lúzio, Patrão-mor da Capitania do Porto; Pedro Youd, Inspector da Shell Portuguesa na zona de Aveiro; e Manuel Nunes e António Leopoldo Rebocho Christo, respectivamente enviado especial e correspondente em Aveiro do «Diário de Lisboa».

*

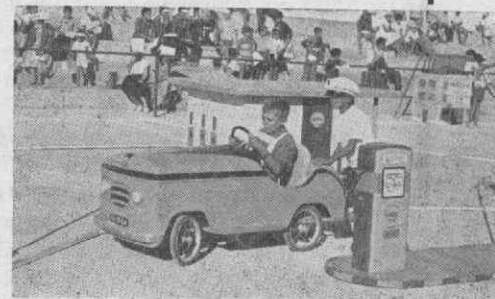
Feita a chamada dos concorrentes, e verificando-se o seu elevado número e o extraordinário interesse de todos eles, o sr. Dr. Rui Correia, dos Serviços Culturais da Shell e dirigente da sua Escola de Trânsito, decidiu realizar na nossa cidade duas sessões, pois era evidente o desgosto e o desapontamento dos inscritos que, por sorteio, tinham sido excluídos de participar na prova. Assim, em vez de 25, em Aveiro foram 50 os jovens que activa e directamente nela entraram — como peões, ciclistas, automobilistas de carros de pedais, sinaleiros ou «empregados» de bomba de gasolina.

*

Coadjuvado pelo sinaleiro sr. Joaquim Serras Inácio, o Subchefe da P. S. P. de Lisboa sr. Carlos Santos precedeu as duas provas de ajustadas, claras e proveitosas lições de sinais e regras de trânsito — dadas através de um microfone.

Estiveram em acção rapazes e raparigas, dos 8 aos 14 anos, das mais diferentes condições sociais. Mas foi notório que, por igual, todos os moços assimilaram perfeitamente quanto lhes foi ensinado — pelo que foram diminutas as penalidades sofridas pelos concorrentes. Na verdade, as infracções cometidas foram de pouca gravi-

Continua na página 5

Três expressivas imagens da exibição em Aveiro da excelente Escola de Trânsito da Shell

Dois Poetas, Duas Épocas

Continuação da primeira página

náiades, sibilas; e, quanto à técnica, o verso branco (tal como usado no «Camões») com inteira liberdade de composição, a que a imaginação também livre facilita maiores recursos. Mas é com outros poemas — os de «Folhas Caídas», editados em 1853, um ano antes da morte de Garrett — que se patenteia a afluência quinhentista: redondilha maior, lirismo típico dos cancioneiros galego-portugueses, etc.. Torna-se então, claro que a expressão «romântico» se reporta ao «romance» de origem medieval.

Iniciador do Teatro Romântico Português, não deixa Garrett de enveredar pelo romance (quem não ouviu falar, ao menos, de «O Arco de Santana»?), género cuja reforma substancial caberia a Alexandre Herculano. São concordes muitos historiadores literários em que no «Arco de Santana» houve adopção de sentimentos modernos aos tempos antigos — recurso de nova escola. As «Viagens na Minha Terra» formam uma sucessão de quadros impressionistas em que o vinco romântico mais forte é a história de Joaninha do Vale de Santarém, porventura a personagem que encarna o ideal feminino de Garrett.

Vitorino Nemésio discorda do conceito oitocentista de que esse importantíssimo autor é o maior poeta português depois de Camões. Para ele a grandeza literária de Garrett está no mesmo plano de «muitos pares de escritores».

Cita dois daquele tempo: Herculano e Soares de Passos, para a seguir enfileirar uma dúzia de prosadores (de Fernão Lopes e Raul Brandão) e vinte e oito poetas (de Bernardim Ribeiro a Mário de Sá Carneiro).

Na realidade, não existe um primado pós--camoniano da Literatura Portuguesa, diz ele. E deve ter razão. O vêzo dos confrontos e classificações de nomes é algo de pouco prático em história e crítica literária; os críticos da vanguarda deste século (como os chamados «new critics» anglo-americanos) costumam desprezar essa catalogação que em certos casos não chega a ser um critério pròpriamente.

Natural e até necessário é que se estabeleça uma tábua de valores em qualquer arte ou ciência, mas daí a concentrar o exclusivo ou quase exclusivo interesse nas suas consequências vai grande distância; resulta numa hipertrofia indevida, sem correspondente significação crítica. Via-de-regra o confronto ou a classificação passam a valer como manifestação de preferência pessoal, e valem tanto mais ou menos quanto a autoridade de quem a esposa.

O próprio Vitorino Nemésio dá-nos dois exemplos quando assevera que «Camões, Vieira, Herculano, Antero, Oliveira Martins, Fernando Pessoa, são espíritos muito mais ricos, mais universais e densos. /.../ Como romancista, o Herculano de «Pároco de Aldeia» suplanta o autor do «Arco de Santana».

Por que, então, o nome de Garrett só costume encontrar êmulo no de Camões? Certamente subsiste algo de simbólico e misterioso na fama daquele escritor e homem público. Eis a versão do Vitorino Nemésio: «A sedução da sua figura romanesca e mundana, a subtileza do seu gosto e dos seus critérios cívicos, a sua profunda actuação de reformador do Teatro como literatura e espectáculo, o tacto com que variou as formas linguísticas e concepcionais do verso e da prosa, a sua descoberta dos veios castiços e genuínos da arte e do estilo de vida («habitat», suntuária, etc.) tudo isso está na base de uma figura pessoal irradiante, a que os seus contemporâneos, dotados de uma receptividade autênticamente «ingénua» e generosa, de um adamismo impulsivo de restituição nacional e de clima propício ao «heroísmo», proporcionaram o ambiente propício à grande fama».

Passemos a Carlos Queirós, tão diferente, tão deste século, morto há dez anos incompletos. Talvez o leitor não saiba que Carlos Queirós é um dos poetas mais pessoais de Portugal. Ao grupo da revista «Presença» pertenceram o próprio Carlos Queirós, Miguel Torga, José Régio, Alberto de Serpa, António Boto, Raul Leal, João de Castro Osório, Branquinho da Fonseca, Adolfo Casais Monteiro — cada qual com a directriz que lhe ditava o gosto pessoal.

A de Carlos Queirós, como de alguns outros, era a desobediência à construção tradicional em que se configurava o lirismo português, a preocupação para-lírica, notadamente metafísica. Um registro do sr. Vitorino Nemésio nas apreciações sobre Garrett ajusta-se ao caso desses colaboradores de «Presença»: para eles Portugal não passava de «um país de cavadores do remorso». Queriam superar o sentimentalismo fácil dos poetas patrícios, inclusive o nacionalismo «saudosita» de Teixeira de Pascoais.

A poesia de Carlos Queirós situa-se numa escala ainda traduzível do surrealismo. Ninguém melhor definiu esse artista, e com tanta economia verbal, que João Gaspar Simões «intelectualizador de emoções». A Vitorino Nemésio ocorre que «sua matéria-prima poética era feita, como a de todos, de universal simpatia do mundo dos objectos significativos e essenciais. Mas a sua expressão só podia ser trabalhada em materiais duros, por mais fino que fosse o traço do seu cinzel». Estilista e pensador, em certos poemas exprime de modo insólito e contido o sentido oculto das coisas, identificando-se em particular com os nossos Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto. Vejamos este «Autêntico», no qual oferece uma orientação de arte poética.

Surge acaso o Autêntico,
Mas difícil e raro.
E' preciso ter faro.
Apurado e concêntrico;

Depois, saber metê-lo
Dentro do verbo exacto.
Mas que fique do Abstracto
Preso por um cabelo.

Se o cabelo resiste,
Se o verbo não se parte,
se o poeta faz arte
sem saber, e persiste,

De nada mais precisa
para ver que poesia
E' a fisionomia
Com que o tempo desliza.

Não se esgota em algumas páginas o comentário de um livro de ensaios. Ademais, Vitorino Nemésio é desses ensaístas torrenciais que nos provocam a cada frase. Um poeta e professor de literatura dissertando sobre poetas e poesia... Ninguém poderá contê-lo! Fiquemos por aqui.

Rio de Janeiro

Renato Jobim

diz o LEITOR...

Ensino Técnico

Uma Carta do Director da Escola Industrial e Comercial de Aveiro

Aveiro, 22 de Agosto de 1962

Ex.^mo Senhor
Director do LITORAL
Aveiro

Peço o V. Ex.ª o obséquio de publicar o seguinte esclarecimento ao assinante N.º 1-1458 do jornal que V. Ex.ª dirige, cuja carta veio publicada no N.º 408, de 18 do corrente, sob a epígrafe «Ensino Técnico Profissional».

As Secções Preparatórias para os Institutos Industriais e Comerciais foram criadas, nesta Escola, por parecer da Junta Nacional de Educação, em Setembro de 1960, facto que foi noticiado na Imprensa local.

No ano lectivo findo já entrou em funcionamento a Secção Preparatória para os Institutos Comerciais.

Este ano continua a funcionar a mencionada secção e apenas estão inscritos cinco alunos na Secção Preparatória para os Institutos Industriais.

Como nenhum curso pode entrar em funcionamento com menos de 10 alunos, sem ser autorizado superiormente, foi pedida a Sua Excelência o Senhor Ministro da Educação Nacional a devida autorização.

O Director da Escola Industrial e Comercial de Aveiro

Amadeu Cachim

Com vista à Câmara Municipal

Ainda os Concertos Musicais no Jardim Público

A propósito deste tão salutar, quão recreativo assunto e do reparo que se inseriu neste semanário, no número de 18 do corrente mês de Agosto, em correspondência de 13 do mesmo mês, de Faro, publicada em «O Primeiro de Janeiro», lê-se o seguinte:

«Depois de uma época de grande actividade em que existiram dois agrupamentos musicais — da Legião Portuguesa e do Sport Lisboa e Faro —, o gosto pela música foi votado ao ostracismo.

Para acompanhar qualquer solenidade religiosa, ou acto oficial, torna-se necessária a presença de bandas de localidades vizinhas, sobretude de Loulé, o que onera sempre a sua participação e em muitos casos a anula.

Esboçou-se há alguns meses um movimento tendente à criação duma banda, que sob a égide do município farense, oferecia a certeza auma continuidade e de manutenção dum certo nível.

O coreto no Jardim Manuel Bivar foi há pouco beneficiado com algumas obras que lhe vieram emprestar um ar novo, colorido e vibrante.

Esta é, pois, a altura de se unirem os esforços para a Banda Municipal de Faro ser um facto, cuja necessidade é bem saliente e que constitui justa aspiração da importante cidade algarvia».

Ora estes inconvenientes não se verificam em Aveiro. Há um coreto magnífico no nosso Jardim Público, talvez um dos melhores do País, pelas suas excepcionais condições acústicas; há o gosto popular pela Música, como bem o demonstrou a afluência aos concertos ali realizados; já tivemos quatro bandas, — do Regimento, do Asilo, a «Velha» e a «Nova». Hoje ainda temos estas duas últimas, para as necessidades religiosas locais e para deleitar estranhos, em terras limítrofes, nos concertos para que as chamam e que com agrado as ouvem, do que está inibido o aveirense, que se limita a olhar, triste, para o seu coreto, ouvindo apenas o som da brisa que lhe dá o frondoso arvoredo que o rodeia e o chilrear da passarada que o habita.

Não terá o munícipe direito a uma ou duas horas de recreio espiritual e educativo, depois de uma semana laboriosa para ganhar o pão-nosso-de-cada-dia?

Cremos que sim.

Um Aveirense (E. de M. S.)

A Praia da Barra

«/.../ Mas os encantos naturais da Barra, tão enaltecidos por todos os que a visitam, estão lamentàvelmente desaproveitados. E não só isso: os homens teimam em espalhar por ali a fealdade, a incomodidade e a porcaria!

Não há, ou parece não haver, um plano de urbanização convenientemente estudado: cada qual constroi, pràticamente, onde quere e como quere, sem obediência a regras e ao sabor de gos-

Continua na página 4

SERVIÇO DE FARMACIAS

Sábado . . .	OUDINOT
Domingo . . .	MOURA
2.ª feira . . .	CENTRAL
3.ª feira . . .	MODERNA
4.ª feira . . .	A L A
5.ª feira . . .	M. CALADO
6.ª feira . . .	AVEIRENSE

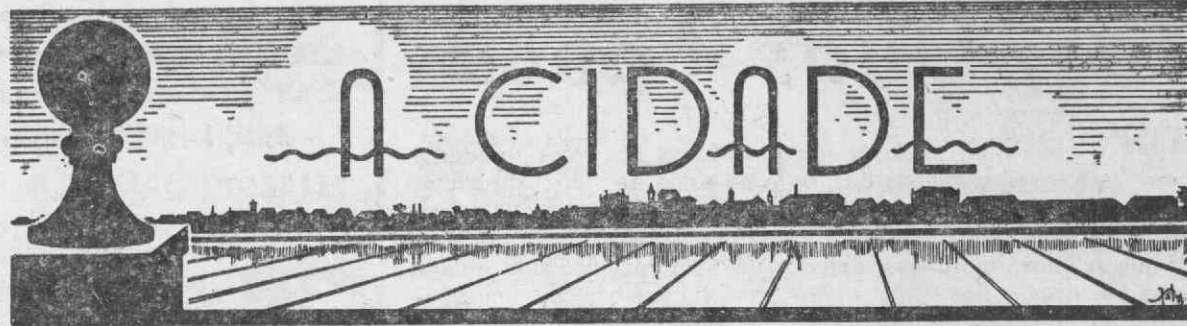
Pela Câmara Municipal

E' intenção da Câmara proceder à construção de um moderno edifício escolar para substituição da actual escola da freguesia da Glória.

Elaborado o projecto foi o mesmo submetido à apreciação superior, tendo sido determinado introduzir-lhe modificações que foram imediatamente comunicadas ao autor do projecto para cumprimento.

A Câmara aguarda que lhe seja entregue o projecto retificado para o submeter novamente à apreciação superior e iniciar a sua construção no decorrer do próximo ano.

Acontece que o actual edifício se encontra em dificientes condições de segurança!pelo que houve necessidade de se procedr ao escoramento da cobertura a fim de evitar qualquer possível desastre.

Dado porém que a existência das escoras e as condições actuais do edifício não aconselham a continuação da sua utilização, para além do período escolar que findou e considerando ainda que existe a necessidade de assegurar instalações provisórias onde possam funcionar as aulas durante a execução dos trabalhos de construção do novo edifício, a Câmara com o acordo da Direcção Escolar do Distrito, resolveu ceder para esse efeito o edifício fronteiro dos Paços do Concelho.

Nestas circunstâncias, no próximo ano escolar funcionarão já neste edifício e provisòriamente as salas de aula de que habitualmente dispunha o edifício escolar da Glória.

★

A Câmara, na sua reunião de 10 do corrente e ao tomar conhecimento de ter sido recentemente posta a concurso a construção de um cais comercial acostável de 180 metros de comprimento, congratulou-se com o facto em reconhecimento do seu altíssimo valor, exarando na acta da sessão a expressão do seu muito regosijo pela realização de obra de tão elevado alcance para a região.

A Câmara resolveu ainda exprimir ao Senhor Ministro das Comunicações, e aos Senhores Presidente e Engenheiro-Director da Junta Autónoma do Porto de Aveiro os seus sentimentos de congratulação e reconhecimento por tão importante melhoramento.

Pela Capitania

Movimento Marítimo

★ Em 8, para o Porto e Vigo, sairam o galeão-motor *Praia da Saúde* e *Primos* e o navio-motor alemão *Henry Everling.*

★ Em 9, com destino a Cuxhaven e Leixões sairam o navio alemão *Augsburg*, com farinha de peixe, e o navio-motor *São Silvares*, em lastro.

★ Em 16, vindo de Setúbal, com cimento, entrou o galeão-motor *Praia da Saúde.*

★ Em 17, procedente de Safi, entrou o navio-motor *S. Silvestre*, com gesso.

★ Em 18, com destino ao Porto, saiu o galeão-motor *Praia da Saúde*, em lastro.

Pelo Hospital

Conforme foi anunciado, realizou-se no passado dia 20, no Salão Nobre do Hospital, a Assembleia Geral dos Irmãos-Associados que teve por fim a aprovação de um Regulamento que se refere aos inúmeros benefícios a conceder pela Santa Casa da Misericórdia aos referidos Irmãos-Associados, e bem assim à alienação do Bairro pertencente à Misericórdia, assuntos já oportunamente referidos neste jornal.

Quanto aos benefícios, que variam entre os 20 e 25 °/₀ de descontos em internamentos e tratamentos e se estendem, quanto a produtos medicamentosos, aos respectivos domicílios, constituem, sem dúvida, um dos maiores benefícios, sem par em Portugal. São do conhecimento geral as vantagens que as restantes Misericórdias do País concedem aos seus Irmãos.

Assim, para que possam ser usufruidas as aludidas regalias, diz-nos aquele tão importante documento que se torna necessário os antigos Irmãos-Associados actualizarem as suas cotas mensais para o mínimo de 15$00; e os novos, terão de pagar além da referida cota, a joia correspondente.

De tal modo esta iniciativa da Mesa Administrativa calou fundo na população aveirense, que de todos os lados estão a acorrer à Santa Casa da Misericórdia, inúmeras adesões.

Oxalá que, a bem do Hospital e dos seus Irmãos-Associados, este movimento crescente seja como que o alvorecer de uma vida nova.

Acêrca da alienação do Bairro, a Assembleia Geral integrou-se perfeitamente no pensamento da Mesa Administrativa, dando-lhe inteiro apoio — pois tal medida traduz apenas o fortalecimento do património da Santa Casa, através de melhor e mais substancial rendimento do capital investido.

Desta forma, os Irmãos-Associados que compunham a Assembleia Geral congratularam-se com tão felizes medidas da Mesa Administrativa, e numa atitude unissona, da qual foi porta-voz o sr. Dr. José Gamelas, sublinharam o seu «SIM» com os mais vivos aplausos.

★ Em viagem de estudo, seguiu com destino à Dina-

PORTUGAL TEM RAZÃO!

Continuação da primeira página

Angola não é o inferno descrito no artigo de sábado no «Saturday Evening Post».

E termina com estas palavras, bem significativas do seu pesar pelo erro em que induziu os seus compatriotas, e desejando que a verdade esclareça o seu espírito:

— «Só desejava que todos os norte-americanos que pensam que Portugal não tem razão relativamente à A'frica, pudessem conhecer todos os factos e chegar, por si próprios, à conclusão do que todo este assunto representa.

Resta-me pedir desculpa de algumas falsidades que tenha ajudado a espalhar».

Conclui sugerindo a Simão Tenreiro que divulgue, pelo jornal que lhe publica a carta, todos esses elementos que possue para que justiça seja feita a Portugal. Nobre exemplo de honestidade e de dignidade pessoal; mas o conselho que dá aos seus compatriotas de procurarem rectificar os seus juízos contra o nosso caso angolano, terá sido seguido?

Conseguirá esta confissão do erro e de arrependimento da malfeitoria, a respeito de tal assunto, divulgando falsidades — de que não era, aliás, o culpado, mas sim o ambiente que os negociantes, os políticos e os homens da banca criaram e espalharam por todo o país justamente com o fim de criar no público americano uma opinião indignamente contrária a Portugal, mas favorável aos seus inconfessáveis objectivos de espoliarem o que por direito histórico nos pertence — terá essa espontânea confissão de um homem digno servido de exemplo e levado outros responsáveis ao mesmo *mea culpa* com que se honrou este americano?

Terá esse acto de justiça impressionado os membros, e especialmente a Senhora Eleonora Roosevelt (viúva do falecido antigo Presidente dos Estados Unidos), Presidente da «Assotiation of Africa» — libertadora do Colonialismo do continente negro (o «colonialismo *europeu*, é claro, pois o «neo-colonialismo» americano não é aí chamado...) de modo a pôr termo às suas manobras de agitação em Angola, treinando e financiando os terroristas e dando guarida, atenção e aceitação aos que ajudam de dentro o terrorismo e o praticam dirigindo-o, como o famigerado Holden Robert — o tal que confessou a um jornalista estrangeiro que ele próprio dava ordem, no começo do terrorismo, para ligar os nativos que se negavam a acompanhá-los a troncos de árvores para com estas serem cerrados os seus corpos como matéria prima de fábricas de serração de madeira?

Ter-se-ão impressionado esses «marionettes» da O. N. U. e mudado de opinião a respeito da questão de Angola, invocando um falso «nacionalismo» indígena, de que é porta-voz Holden Robert, com cuja companhia parece honrar-se esse organismo desorganizador da paz quando foi criado justamente para a assegurar?

Olhe, ilustre homem digno que é, sr. Richard Galary: enquanto pelas redondezas da «Casa Branca» e lá mesmo dentro reinar o ambiente interesseiro e filo-comunista que ali reina desde que os «democráticos» tomaram conta do Poder e nessa Casa entrou Kennedy, nenhuma alteração verá.

Veja a resolução que tomou o General Warker que, enojado com que ali se passa, pediu a demissão do Exercito.

Outro homem digno. Mas fica por aí...

Querubim Guimarães

A Nossa Estante

Continuação da página 2

Parecer do Conselho Fiscal. Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, 1961.

O presente relatório *fornece uma ideia exacta da actuação da C. Q. D. C. P. e põe em relevo os factos mais importantes ocorridos durante o ano a que respeita.*

Seguido das contas de gerência e balanço e de um sumário da legislação, publicada em 1961, relativa à C. Q. D. C. P., este elucidativo opúsculo, de 111 páginas, presta relevantes serviços.

Agradecimento

Arménio Pinto

A família de Arménio Pinto agradece, a todas as pessoas que se associaram à sua dor e acompanharam o saudoso extinto à sua última morada, bem como à Corporação dos Bombeiros que também o fizeram.

Diz o Leitor...

Continuação da página 3

tos por vezes detestáveis!

Não há canalizações de águas nem de esgotos; não há arruamentos bem traçados e pavimentados, nem ligações fáceis das estradas com o mar; não há um parque de campismo atraente e limpo, com árvores cuidadas, água abundante e as imprescindíveis instalações sanitárias; não há iluminação suficiente e bem distribuida!

Tudo na Barra é caotico, primitivo, incómodo, muitas vezes grotesco e permanentemente sujo!

A Natureza, com uma prodigalidade admirável, que causa inveja aos estranhos, andou por ali a semear mãos cheias de encantos — e os homens parecem apostados em desaproveitá-los e em diminui-los!

Não seria possível conseguir que as entidades responsáveis olhassem para a Barra com o merecido interesse e se dessem as mãos para transformá-la no que deveria ser: uma das mais interessantes e maravilhosas praias de todo o País?

Agradeço-lhe, sr. Director, que agite o problema no «Litoral», prestando, assim, mais um alto serviço à nossa terra. /...../»

Assinante n.º 1-147

marca, visitando simultâneamente alguns países da Europa, o sr. Engenheiro Manuel Simões Pontes, Secretário-Provedor da Santa Casa da Misericórdia.

★ Foram admitidos os seguintes novos Irmãos-Associados da Santa Casa da Misericórdia: D. Ana Maria Ribeiro Nóbrega, D. Maria do Rosário Martins da Nóbrega Ribeiro, D. Maria Emília dos Santos Reis, Sebastião Amaral, Carlos Manuel Ferreira da Maia, Eng.º Carlos Gomes Teixeira, Eng.º Albano Brito Almeida, Jorge Mendonça Corte-Real, Dr. Manuel Gonçalves Pericão e Rudolfo Georgino da Costa Martins Teles.

★ Entre outros, encontram-se internados: Alxandre Alves da Costa, de Vilar; D. Otília Maria de Castro, de Sangalhos; D. Odília Figueira da Silva, de Nespereira de Cima — Sever do Vouga; D. Adélia Lopes de Almeida, da Gafanha; Albano de Almeida Gomes, do Préstimo — Arrancada do Vouga; Augusto Ferreira dos Santos, de Valongo do Vouga; Fernando Sereno de Melo, de Anadia; D. Maria Nazília J. Neves, de Esgueira; D. Maria Manuela B. Gonçalves, de Viseu; e D. Maria Georgina P. S. Lebre, da Quinta do Picado.

Pelo Liceu

Pagamento de Propinas

Decorre de hoje até o dia de 5 Setembro próximo o prazo para o pagamento das proprinas de matrícula no Liceu Nacional de Aveiro.

Subsídio Camarário às Corporações de Bombeiros

Na reunião da penúltima sexta-feira, a Câmara Municipal de Aveiro deliberou, espontâneamente, subsidiar com 2 500$00 cada uma das corporações citadinas de bombeiros, para ajuda das despesas com a representação das mesmas no Congresso Mundial do Fogo, que decorre em Lisboa.

Comandante dos Bombeiros da Celulose

Foi recentemente nomeado Comandante do Corpo de Bombeiros da Companhia Portuguesa de Celulose, em Cacia, o sr. Dr. Lúcio de Jesus Lemos, funcionário superior daquela importante empresa.

Assembleia da Barra

Esta noite, pelas 22.30 horas, haverá novo baile na Assembleia da Barra.

Actuam o Conjunto de Jaime João *e a* Orquestra Aloma.

Finalistas dos Pupilos do Exército

Acompanhado pelos seus professores srs. Major Francisco Magalhães, Capitão Bandeira de Lima e Tenente-capelão Rev.º Ruy Correia Leal, estiveram há dias em Aveiro, vindos da Galiza e em trânsito para Lisboa, os alunos finalistas do Instituto Técnico Militar dos Pupilos do Exército.

Problemas do Sal

Como oportunamente noticiámos, o sr. Secretário de Estado do Comércio, por despacho de 14 do corrente, fixou os preços do sal dos diversos salgados do País: o sal de Aveiro e da Figueira da Foz passou a ser pago aos produtores à razão de 285$00 por tonelada.

A Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos, em circular de 16, confirmou a notícia: nos salgados nortenhos, os preços do sal à prodnção passaram a ser, «para qualquer tipo de sal, desde que próprio para fins alimentares», de 285$00 por tonelada «dentro do barco no cais que serve a marinha ou sobre camionete».

Mantiveram-se «as margens fixadas para vendas pelos armazenistas bem como as demais regras vigentes»; e «com vista a evitar a repercursão nos custos industriais do aumento sensível de preços concedido à produção salineira», passou a ser consentido o abastecimento directo da indústria na produção, «sempre que as aquisições, durante a campanha, atinjam pelo menos 1 000 toneladas, admitindo-se tanto a compra individualizada como através dos respectivos organismos corporativos ou cooperativas».

Claro está que, em Aveiro e na Figueira da Foz, o abastecimento directo da indústria terá sempre de fazer-se através das Secções Diferenciadas do Sal dos respectivos Grémios da Lavoura.

Já aqui dissemos que o preço de 285$00 por tonelada de modo nenhum compensa os graves prejuízos sofridos pelos produtores salineiros de Aveiro e da Figueira da Foz durante as safras anteriores, — embora possa considerar-se razoável em atenção à produção da presente safra, se o tempo continuar a favorecê-la.

Sem dúvida, os novos preços foram estabelecidos a partir do estudo dos custos da produção feito pelo sr. Prof. Castro Caldas, cuja competência e probidade são sobejamente conhecidas.

Ignoramos as conclusões daquele estudo, e bom seria que a Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos as desse a conhecer, bem como as informações que sobre elas pròvàvelmente prestou.

Parece, todavia, evidente que o estudo do ilustre catedrático se baseou em dados relativos à safra de 1961 — e daí que já para o sal daquela safra devia ter sido fixado o preço de, pelo menos, 285$00 por tonelada. E sendo a produção do Salgado de Aveiro, naquele ano, de mais de 55000 toneladas (não temos presentes os números relativos ao Salgado da Figueira da Foz), o facto de se haver mantido o preço de 240$00 por tonelada acarretou para os produtores salineiros de Aveiro um prejuízo superior a 2475 contos!

É manifesto que o actual sr. Secretário de Estado do Comércio, a quem não devem regatear-se louvores, não poderia, de uma só vez, compensar a produção dos graves prejuízos que vem sofrendo, pelo menos, desde 1956, ano em que o preço estabelecido em 1953 começou a revelar-se desactualizado.

Estamos, porém, muito seguros de que aquele ilustre membro do Governo, sabidamente justo e escrupuloso, há-de, quando convenientemente esclarecido, encontrar maneira de atenuar os vultuosos prejuízos impostos, durante longos anos, à produção salineira nortenha.

Pelo que julgamos saber, é possível consegui-lo sem agravar o consumo — e até beneficiando-o.

Para isso importa que os produtores salineiros de Aveiro e da Figueira da Foz se unam cada vez mais e se organizem cada vez melhor, que estudem conscienciosamente os seus problemas e que os apresentem com verdade a quem tem de apreciá-los e resolvê-los.

Só assim o sr. Secretário de Estado do Comércio poderá, como é seu evidente desejo, encontrar para a produção e a comercialização do sal as soluções justas.

De outro modo, os produtores salineiros correm o risco de continuar a ser explorados pelos que, à custa dos seus prejuízos, têm arrecadado fartíssimos lucros.

A Escola de Trânsito da SHELL em Aveiro

Continuação da segunda página

dade — sendo curioso notar que quase não se verificaram nos períodos finais dos dois tempos de exibição, dada a experiência e a consciência adquiridas pela quase totalidade dos jovens.

Mas, naturalmente, houve concorrentes que se evidenciaram, com impecáveis actuações. Esses, lògicamente, passaram para um quadro de honra, e foram especialmente premiados.

Eis nomes destes concorrentes:

Automobilistas — José Domingos Cravo, Francisco Teixeira Raposo (ambos de 9 anos), Fernando da Silva Vinagre (11 anos), António da Maia Martins (12 anos) e Emília Maria da Romão (13 anos). *Ciclistas* — João de Matos Marques Ribeiro, Luís Manuel dos Reis Vinagre (ambos de 12 anos) e Manuel Carvalho (14 anos). *Peões* — Joel Teixeira da Silveira (8 anos) e Maria da Glória Vieira (12 anos). *Sinaleiro* — Carlos Filipe Correia Dias (9 anos). «*Empregado*» *da bomba de gasolina* — António Norberto da Silva Calisto (8 anos).

Este último, actuando com inexcedível aprumo, foi igualmente notado pela delicadeza com que sempre atendia os seus «clientes», abastecendo-os de «combustível». Por isso, foi particularmente aplaudido no momento da entrega dos prémios.

*

Em nota final, diremos que todos os inscritos foram contemplados com brindes — de que se destacava o «Jogo de Trânsito» editado pela Shell Portuguesa — ; e que a todos eles foram ainda oferecidos refrigerantes «Fanta».

FAZEM ANOS

Hoje, 25 — As sr.as Prof.a D. Rosa Soares de Pinho, D. Maria das Neves Natividade Salgueiro e D. Maria Simões Ferreira Canelas esposa do sr. João Gomes Canelas; o sr. Fernando Augusto Azevedo Alves Novo; e o menino Manuel Júlio, filho do sr. Alfredo Carlos Marques Almeida.

Amanhã, 26 - A sr.a D. Ilda Moreira da Silva Neves, esposa do sr. Joaquim Gonçalves; o sr. Coronel Raul Martins da Costa; e a menina Filipa Maria Pinto Ribeiro de Vilhena.

Em 27 — As sr.as D Célia Alice Maria Barreto de Moura, esposa do sr. Anibal Gomes de Moura, D. Julieta de Sequeira Belmonte, D. Alice de Oliveira Marques Ramos e D. Maria da Luz de Almeida Lemos; os srs. Dr. Euclides de Araújo, Eng.º José de Sousa Machado Ferreira Neves, João Rebelo Pereira Boia, António Osório de Almeida, Carlos Alberto Luís Pereira e Urgel Fernando Soares Pereira, aveirense ausente em Malange (Angola); a menina Maria Helena Silva de Morais Calado, filha do sr. Aurélio Morais Calado; e o menino Manuel Monteiro Rodrigues da Paula, filho do sr. Manuel Maria Rodrigues da Paula.

Em 28 Os srs. Raul dos Santos Valentim e Luís de Pinho da Maia Romão; e as meninas Maria Etelvina Dias Melo, filha do sr. Manuel dos Santos Melo, Maria Selene Fernandes Valentim, filha do sr. Raul dos Santos Valentim, e Maria Celina Lopes, filha do sr. José Gonçalves Lopes, aveirense ausente em Gabela (Angola).

Em 29 — Os srs. Manuel da Silva Félix e Alfredo Francisco dos Santos; e a menina Olga Cristina Reis Pinto, filha do sr. Eng.º Raúl Wahnon Correia Pinto, ausente em Sá da Bandeira (Angola).

Em 30 — As sr.as D. Laura Setas Raposeiro, D. Maria de Lourdes Teixeira da Costa e Prof.a D. Cândida Fernanda Graça e Melo, filha do sr. Teleno da Graça e Melo; e o menino José Eduardo, filho do sr. Zeferino Soares.

Em 31 — A sr.a D. Conceição Coelho Vera-Cruz, esposa do sr. José Maria da Silva Vera-Cruz; os srs. José Conde de Carvalho e João Gomes Canelas; e o estudante António Adérito Brás Coelho e Silva, filho da sr.a D. Rosária Caldeira Brás Leite Pais.

CASAMENTOS

★ Em Luanda, na igreja do Carmo, consorciaram-se, no passado dia 13, a sr.a D. Maria Valentina Mota Lima, nossa conterrânea, e o sr. Alfredo Moreira Vieira.

Serviram de padrinhos: pela noiva, seus pais, sr.a D. Maria José Mota Lima e sr. Luciano Marques Lima; e, pelo noivo, seus pais, sr.a D. Maria Moreira e sr. Manuel Vieira.

★ Na igreja paroquial de Valongo, realizou-se, no dia 15, o casamento da sr.a D. Maria Adelaide Pessoa de Oliveira, filha da sr.a D. Doroteia dos Santos Pessoa e do industrial sr. Francisco Coelho de Oliveira, com o Alferes-médico sr. Dr. Benvindo António da Silva Justiça, filho da sr.a D. Maria do Carmo Justiça e do comerciante aveirense sr. António da Silva Justiça.

Foi oficiante o Rev.º Pároco de Valongo, tio da noiva, tendo servido de padrinhos: pela noiva, sua cunhada, sr.a D. Maria Gabriela Coelho dos Santos e seu irmão, sr. Dr. Manuel Coelho dos Santos; e, pelo noivo, a sr.a D. Isolina Rodrigues Leitão e seu irmão, sr. Alberto da Silva Justiça.

Aos novos lares desejamos as melhores venturas

Câmara Municipal de Aveiro

Aviso

Eng.º Agr.º Henrique de Mascarenhas, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Aveiro:

Faz público que, de harmonia com a deliberação tomada na reunião ordinária do dia 10 de Agosto corrente, se acha aberto concurso, pelo prazo de VINTE DIAS, para a exploração de BUFETES no campo de jogos do Estádio de Mário Duarte, nos dias em que se realizarem os desafios ou festivais desportivos, durante a época de futebol, compreendida entre os dias 1 de Setembro do corrente ano e 30 de Junho de 1963, segundo as condições patentes na Secretaria da Câmara Municipal.

As propostas, em cartas fechadas, deverão dar entrada na Secretaria, até ao dia 7 de Setembro próximo, pelas 14.30 horas.

Paços do Concelho de Aveiro, 18 de Agosto de 1962

O Presidente da Câmara,

Henrique de Mascarenhas

Eng.º Agr.º

Câmara Municipal de Aveiro

Convocatória

Nos termos do disposto no art.º 29.º do Código Administrativo e para os fins consignados na última parte do § 3.º do mesmo artigo, convoco o Conselho Municipal para a sessão ordinária a realizar no dia 1 do próximo mês de Setembro, pelas 10 horas, com a seguinte ordem do dia:

a) — Dar parecer sobre o Plano de Actividade da Câmara, para 1963, e discutir e votar as bases do Orçamento.

Paços do Concelho de Aveiro, 20 de Agosto de 1962

O Presidente da Câmara,

Henrique de Mascarenhas

Eng.º Agr.º

Câmara Municipal de Aveiro

Concurso

Eng.º Agr.º Henrique de Mascarenhas, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Aveiro:

Faz público que esta Câmara Municipal, em sua reunião ordinária do dia 10 de Agosto corrente, deliberou abrir concurso, pelo paazo de TRINTA DIAS, para a empreitada de «CONSTRUÇÃO DA CASA DOS MAGISTRADOS» sem prazo de execução, que poderá constituir motivo de preferência, cujo programa e Caderno de Encargos podem ser examinados na Repartição de Obras desta Câmara Municipal, dentro das horas normais de serviço.

Base de licitação . . . 1 539 000$00
Depósito provisório . . 38 475$00

As propostas, escritas em papel selado e encerradas em sobrescrito lacrado, acompanhadas da guia comprovativa do depósito efectuado e outros documentos legais deverão ser enviadas pelo correio, sob registo, por forma a serem recebidas até às 14.30 horas do dia 14 do próximo mês de Setembro, na Secretaria da Câmara Municipal.

Paços do Concelho de Aveiro, 14 de Agosto de 1962

O Presidente da Câmara,

Henrique de Mascarenhas

Eng.º Agr.º

Câmara Municipal de Aveiro

Concurso

Eng.º Agr.º Henrique de Mascarenhas, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Aveiro:

Faz público que esta Câmara Municipal, em sua reunião ordinária do dia 10 de Agosto corrente, deliberou abrir concurso, pelo prazo de TRINTA DIAS, para a empreitada de «ARRANJO DA PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL», cujo programa e Caderno de Encargos podem ser examinados na Repartição de Obras desta Câmara Municipal, dentro das horas normais de serviço.

Base de Licitação . . . 533 500$00
Depósito Provisório . . 13 337$50

As propostas, escritas em papel selado e encerrads em sobrescrito lacrado, acompanhadas da guia comprovativa do depósito efectuado e outros documentos legais, deverão ser enviadas pelo correio, sob registo, por forma a serem recebidas até às 14.30 horas do dia 14 do próximo mês de Setembro, na Secretaria da Câmara Municipal.

Paços do Concelho de Aveiro, 14 de Agosto de 1962

O Presidente da Câmara,

Henrique de Mascarenhas

Eng.º Agr.º

O GRUPO DESPORTIVO DA GAFANHA
venceu o Torneio Popular de Ílhavo

Organizado pelo *Illiabum Clube*, de colaboração com o *Sporting Clube da Vista-Alegre*, realizou-se, ao longo de várias semanas, e com a inscrição de 17 equipas, que movimentaram algumas centenas de futebolistas, o Torneio Popular de Futebol! Os encontros realizaram-se todos no campo de jogos do Vista-Alegre, chamando àquele parque de jogos muito público afecto aos representantes das localidades ali representadas.

Agrupados em 6 séries, ficaram apurados, por último, para disputarem a *finalíssima*, o GRUPO DESPORTIVO DA GAFANHA e o VILA AIROSA (da Apeada Ílhavo) — que se defrontaram no passado domingo.

Os gafanhenses, que se apresentaram como favoritos, conseguiram uma excelente vitória, creditando-se, assim, como verdadeiros vencedores.

O derradeiro encontro disputado, como os anteriores, na Vista-Alegre, levou àquele recinto muitos espectadores, que vibraram ao longo dos 90 minutos. Dadas as suas características populares e porque a quase totalidade das equipas eram formadas por jovens, os jogos tiveram a duração de 60 minutos.

Porém, neste encontro, dado que os intervenientes chegaram empatados ao fim do tempo regulamentar, houve que fazer um prolongamento. Foi nele que o Desportivo da Gafanha, possuidor de mais frescura física, pela sua juventude, chamou a si o comando do jogo e a consequente vitória, que encheu de alegria os seus adeptos, que não se cansaram de vitoriar e aplaudir os vencedores.

A'rbitro: Artur Correia.

As equipas alinharam:

G. D. da Gafanha: Baptista; Cristo e Fernando (depois Agostinho); Agostinho (depois Amantino), Hortênsio e Óscar; Gonçalves, Amantino (depois Capitão), Ferreira (depois Tui), Arménio e Lázaro. *Suplentes:* José Maria, Patinha e Chico.

Vila Airosa: Avelino; Herder e A. Almeida; Dido, Claudino e Balacó; Grave, Guedes, M. Adelino, J. Almeida e Gato.

Os golos. Pelo Vila Airosa, GUEDES aos 8 minutos do primeiro tempo, com um remate forte, à entrada da grande área. Pela Gafanha, AGOSTINHO a 2 minutos do fim e a pôr termo a uma série de remates, depois de um bom viranço de Lázaro, fez o empate. Aos 6 minutos do prolongamento CAPITÃO fez 2-1, depois de bom trabalho de Lázaro, que só é pena jogar tanto sòzinho. FERREIRA, 2 minutos depois, de cabeça, a centro de Arménio, fez 3-1 — *score* com que terminou o encontro.

A arbitragem, satisfez plenamente, apesar de mal auxiliada pelo juiz de linha do lado do peão.

A classificação final ficou assim ordenada:

1.º — Grupo Desportivo da Gafanha
2.º — Vila Airosa (Apeada Ílhavo)
3.º — Grupo Desportivo Aradense
4.º — Juventude Operária de São Jacinto

A finalizar, e como nota de certo interesse, convém realçar o apuro técnico da equipa de S. Jacinto, que, juntamente com o vencedor do torneio chamaram as atenções gerais.

E assim terminou este excelente torneio, sendo de elogiar o cuidado da organização, sabendo-se os trabalhos e canseiras que estas realizações sempre acarretam.

A distribuição dos prémios, fez-se também no último domingo, à noite, no Parque Municipal de Ílhavo, aquando dum festival organizado pelo Illiabum Clube.

O sr. Dr. Alcino Couto entregou ao capitão da equipa do G. D. da Gafanha, Hortênsio a valiosa taça correspondente ao 1.º lugar; e o sr. Amadeu Agra entregou ao jogador Balacó, do Vila Airosa, a taça que correspondia ao 2.º classificado.

José Fernandes

Da minha janela ...

Não sabemos quem explorou — se é que de exploração se trata — a instalação sonora do Estádio de Mário Duarte. O que sabemos, bem como todos quantos ali se deslocaram na época finda, é que aquilo *não estava bem. Ou se resolvem a colocar uma aparelhagem decente, ou, então, deixem-nos em paz e sossego. Porque, assim, nem sequer nos é permitido escutar o* portátil *do visinho do lado! E não é só isso! É que o próprio Estádio, imensamente valorizado pelo Município, não pode nem deve sujeitar-se a qualquer música roufenha que queiram meter-nos à força pelos ouvidos dentro...*

Atente-se na suavidade sonora no Jardim e no Parque, para logo se concluir que estamos dentro da razão.

1 A Zona Norte do Nacional da 2.ª Divisão de Futebol, pelos valores que a compõem, apresenta-se este ano bem mais difícil. Vamos assistir, com certeza, à prova mais bem disputada dos últimos anos, o que equivale a dizer que o Beira-Mar vai enfrentar tarefa dificílima.

Pelo Estádio de Mário Duarte irão passar equipas como as do Salgueiros, Covilhã, Braga, Boavista, Oliveirense, Sanjoanense, Espinho, etc., equipas que, pelo seu valor e tradicional apego à luta, tornarão bem difícil a sonhada recuperação dos aveirenses. O público, à medida que os jogos se forem realizando, terá, certamente, motivos para não se lamentar da falta dos clubes de primeiro plano do nosso futebol. E' que a 2.ª Divisão está recheada de boas e valorosas equipas! Supomos, até, que a imponência do peão pouco ou nada diferirá da época passada, o que virá confirmar o entusiasmo aveirense pelo Futebol. E se, como se espera, os negro-amarelos corresponderem, Aveiro pode reconquistar o lugar tão ingratamente perdido.

2 Todos os Clubes atravessam, mais hoje mais amanhã, momentos de glória e de desdita, melhor dizendo, todos já passaram e terão de passar — é a lei inexorável do Destino — por momentos bons e por momentos menos felizes! E' o caso, precisamente, do prestigioso Sangalhos, no concernente à sua Secção de Ciclismo.

Até há bem pouco tempo, falar do ciclismo nacional implicava, acto contínuo, falar dos bairradinos. Ali brilharam os nomes de Alves Barbosa, Antonino, Fernando Silva, Aquiles, o esgueirense Catela e tantos mais. Pois aconteceu que, num ápice, os sangalhenses se viram atirados para uma posição nada de harmonia com os seus pergaminhos.

Quis a desdita que os ciclistas azuis ficassem pelo caminho na última edição da Volta a Portugal. Nunca tal tinha sucedido, pelo que a desilusão foi bem amarga. Estivemos em Sangalhos à chegada da caravana voltista, e não deixámos de sentir o quanto custou aos verdadeiros bairradinos a ausência de qualquer componente da sua equipa.

Serve de lenitivo o facto de a grande maioria dos atletas se encontrarem, em defesa da Pátria, por terras da nossa província de Angola, e não se esconde os azares que acompanharam a jovem equipa apresentada na emergência.

Sabemos como reagem as gentes de Sangalhos. Ali confia-se, tem-se a certeza, que, atrás da tempestade, logo vem a acalmia, e por isso aceita-se, sem constrangimento, o fraco rendimento dos rapazes.

Os dirigentes sabem que o Sangalhos há-de voltar a orgulhar-se dos êxitos dos seus ciclistas. E' questão de saber esperar, o que é uma grande virtude.

3 Mesmo disputando-se renhidas e emocionantes provas de Motonáutica e de Vela, em que os desportistas aveirenses tão bem têm sabido comportar-se, o Futebol, com todos os seus defeitos e virtudes, sobreleva, neste defeso curto e pouco ou nada repousante de nervos tensos duma época de desilusão, todo e qualquer noticiário desportivo, se exceptuarmos a concorrência do Ciclismo nestes últimos quinze dias.

Enquanto as bolas e as botas descansaram, devidamente ensebadas, lembrando ilustres barrigas untadas de cremes ao Sol quente das praias, os mentores do Futebol não tiveram defeso! Uns, comprando e vendendo; outros, mais infelizes, adquirindo sòmente!

Espectáculo este divertido, com aumento e descida de cotações, fazendo lembrar a Bolsa...

Ao fim e ao cabo, tudo isto é triste, tudo isto existe, tudo isto é Futebol, como se de Fado se tratasse...

Joaquim Duarte

Motonáutica

★ Nos dias 8, 12 e 19 do corrente mês de Agosto, motonautas do Sporting de Aveiro competiram em provas desta espectacular modalidade realizadas em Moledo do Minho, Setúbal e na Pateira de Fermentelos.

De todas essas provas daremos, no próximo número, breves resenhas das classificações — excelentes — alcançadas pelos *leões* aveirenses.

★ Hoje e amanhã, efectua-se na Praia de Mira o *III Grande Festival Náutico*, com patrocínio do S. N. I. e em organização da Câmara Municipal de Mira com colaboração técnica do Sporting de Aveiro.

Haverá competições de motonáutica e ski na famosa barrinha daquela concorrida praia.

★ Também amanhã, no Areinho, a Secção Náutica da Ovarense promove a efectivação do *I Grande Prémio de Ovar*, em motonáutica (velocidade pura), com a colaboração da Junta de Turismo do Furadouro e do Sporting de Aveiro.

As provas iniciam-se às 16 horas, estando a despertar bastante interesse.

★ Em 2 de Setembro próximo, na Costa Nova, haverá diversas provas de motonáutica a contar para o Campeonato Nacional. Organiza as competições o Sporting de Aveiro.

Treinos e Reforços do BEIRA-MAR

Dentro do plano que nestas colunas demos a conhecer, têm decorridos com toda a regularidade os treinos dos futebolistas do Beira-Mar, sob orientação do técnico Oscar Telechea.

Após as sessões iniciais, especialmente dedicadas à preparação física, houve já treinos de bola — tanto em ordem a apuro individual, como tendo em vista a estruturação do conjunto.

Além dos jogadores já aqui referidos, outros têm prestado provas no Estádio Mário Duarte: podemos hoje referir os nomes de Laranjeira (ex-Espinho) e Louceiro (ex-Estarreja), que foram campeões da II Divisão representando o Beira-Mar e agora reingressam nas suas fileiras; de Brandão (ex-Atlético), um jovem e promissor avançado que se encontra já vinculado aos negro-amarelos; o defesa Moreira e o dianteiro Correia — dois elementos da temporada finda; e quatro outros possíveis *recrutas* da equipa de Aveiro — o «colored» Clélio Cunha (ex-Académica e ex-Castelo Branco), Rocha (ex-Benfica e ex-Cernache) e dois avançados (um algarvio e outro moçambicano) cujos nomes não podemos revelar hoje.

Têm faltado aos treinos Chavez, Evaristo e Amândio — três elementos que se podem considerar certos no Beira-Mar. O argentino, ausente ainda de Aveiro, já estará de volta na próxima semana; dos outros, ambos a contas com lesões, sabemos apenas que só mais tarde iniciarão a respectiva preparação. Evaristo, radiografado no Porto, deve ter necessidade de ser operado (o diagnóstico indica dupla fractura de menisco); e Amândio encontra-se em tratamento, sob orientação do abalizado clínico lisboeta Dr. Silva Rocha.

Entretanto, aguarda-se também que o Sporting informe qual o outro futebolista que cederá, nos termos acordados para a troca com o extremo Raimundo. E, ao que julgamos saber, os reforços para o *plantel* aveirense não serão só estes... Há, pelo menos, as hipóteses de se transferirem mais dois jogadores, que representavam clubes nortenhos, um deles do nosso Distrito.

NOVOS ÁRBITROS

Nos exames recentemente efectuados por iniciativa da Comissão Distrital dos Árbitros de Futebol de Aveiro, foram aprovados os seguintes candidatos:

Adriano Santos de Almeida, de Águeda; Agostinho Lima da Silva, de Aveiro; António Vieira Marques da Silva, de Aveiro; Eduardo José de Oliveira Melo, de Aveiro; Evaristo Rodrigues Valente Portovedo, da Curia; Fernando Pereira dos Santos, da Vila da Feira; João Bastos Ferreira, de Oliveira de Azeméis; João da Silva Coelho, de Oliveira de Azeméis; Joaquim Pereira de Almeida, de Águeda; Joaquim Ribeiro França, de Oliveira de Azeméis; Luís da Silva Correia, de Ílhavo; e Rufino da da Costa Santiago, de Oliveira de Azeméis.

XADREZ DE NOTÍCIAS

Antecedendo as provas federativas, a Associação de Futebol de Aveiro projecta organizar um torneio com a participação do Feirense, Beira-Mar, Sanjoanense, Espinho e Oliveirense.

Carlos Alberto Mateus de Lima, do Galitos, participou no Campeonato Nacional de Atletismo, realizado em Lisboa no sábado e domingo últimos.

Entrou apenas no salto em comprimento, em que obteve o 5.º lugar.

Pediu demissão do cargo de Presidente da Comissão Distrital dos A'rbitros de Futebol de Aveiro o sr. Eng.º João Cândido Ventura da Cruz.

Como noticiámos, é amanhã que se realiza, em A'gueda, a festa de confraternização anual dos dirigentes e árbitros de futebol de Aveiro, a que presidirá o Dr. David Cristo Vice-presidente A. F. A..

Precedendo-a, haverá a prestação de provas de aptidão física (corridas de 80 e 1 500 metros).

O União de Lamas pretende reforçar o seu team *de futebol, tendo já obtido uma transferência de sensação: o guarda-redes Pinho, iniciado na Oliveirense, «internacional» e campeão nacional no F. C. do Porto, e titular do Atlético na época finda.*

Além desse futebolista, os lamacenses estão interessados noutros elementos, entre eles o categorizado médio Lopes, do Feirense.

Será brevemente designada a data de início dos treinos dos futebolistas juniores do Beira-Mar.

Entretanto, os interessados em representar os negro-amarelos podem inscrever-se na Secretaria do popular Clube aveirense.

DESPORTOS

Secção dirigida por
António Leopoldo

dos LIVROS *& dos* AUTORES

DOIS POETAS, DUAS ÉPOCAS

POR RENATO JOBIM

Publica a *Livraria Progresso*, de Salvador, em edição conjunta com a Universidade da Bahia, uma série de estudos críticos de Vitorino Nemésio «Conhecimento de Poesia». São mais de vinte anos de actividade crítica interrompida vez por outra, a confirmar, inclusive, o interesse do eminente professor e polígrafo português pelas letras brasileiras; basta dizer que uma parte do livro é dedicada a Tomás António Gonzaga, Felipe de Oliveira, Jorge de Lima, Cecília Meireles, João Cabral de Melo Neto e Carvalho Filho, este último o poeta baiano pouco conhecido do resto do país.

A favor do crítico de poesia Vitorino Nemésio (ou melhor do ensaíta aplicado a poetas, pois ele se detém menos no exame dos poemas do que na trajectória literária de seus autores), actua decerto sua própria experiência de cultor da poesia. Mas isto significaria quase nada se ele não soubesse distinguir os méritos das diversas correntes poéticas e discriminar, dentro delas, as peculiaridades dos valores individuais autênticos. Tal habilidade mais uma vez se revela no seu último livro; mais uma vez a inteligência perseguiu o mistério, diga-se como no verso de Augusto Frederico Schmidt.

Dois nomes, entre os maiores na obra, chamam atenção pelo contraste das posições: Almeida Garrett e Carlos Queirós — contraste que vai da acentuada diferença de épocas até a concepção técnica do verso.

O Visconde de Almeida Garrett entrou para a Literatura Portuguesa como Novalis para a Literatura alemã: personificando o Romantismo. Aquele «dandy» e Don Juan, estadista e político numa época particularmente conturbada da vida nacional, iria provocar escândalo, como escritor com uma obra considerada licenciosa e que lhe acarretaria um processo judicial («Retrato de Vénus»), e «Odes Anacreônticas».

Nesta primeira fase do seu lirismo, como que prepara o espírito cultural dominante em seu país para a grande renovação romântica. E, como seria de prever, essa renovação, se concentra no culto dos valores nacionais pròpriamente ditos, como as lendas e tradições.

Em prefácio ao romance «Adozinda» afirma que cumpre «nacionalizar a poesia moderna», como fez Walter Scott na Inglaterra. Daí em diante procura o maior número de romances, legendas e solaus, reatando a recuperação das fontes do lirismo português, interrompida no século XVI.

Um segundo exílio lhe favorece a publicação de algumas obras, entre as quais o «Camões», verdadeiro poema byroniano na dimensão dramática, em que pela primeira vez na poesia portuguesa é celebrada a vida e a obra do Poeta — preito majestoso de gratidão, com ênfase no suposto esquecimento a que a pátria o relegara. «Camões» fica sendo o marco do movimento romântico em Portugal. Recordemos o episódio patético do canto X. O poeta jaz moribundo quando determinado conde chega com uma carta de missionário amigo, encarcerado em Fez, a velha capital marroquina, que o consola naquela amarga contingência, dizendo restarem-lhe Deus e a virtude.

O! consolar-me», exclama, e das mãos trêmulas
A epístola fatal lhe cai: «Perdido
E' tudo, pois!...». No peito a voz lhe fica;
E de tamanho golpe amortecido
Inclina a fronte e, como se passara,
Fecha lânguidamente os olhos tristes.
Ansiado, o nobre conde se levanta
Do leito... Ai! tarde vens, auxílio do homem.
E já no arranco extremo: — «Pátria, ao menos
juntos morremos...» E expirou co'a pátria.

Em «Dona Branca», o *parti pris* político está bem atenuado, ao passo que se acentua o carácter amplamente nacional do movimento: mitologia lusitana, com seus príncipes e mouras encantadas, em substituição aos oráculos, ninfas,

Continua na página 3

Bétola Negra

Gosto de passear nas ruas sossegadas
dos cemitérios, para ver a morte perto,
recitando as legendas inspiradas
por alguém... que não as leu decerto.
Gosto de olhar as faustosas moradas
de feitios vários e gosto incerto,
ou, ainda, as campas rasas,
abandonadas, como ossadas
que jazem no deserto.
A morte a todos nivela por igual:
o santo e o ladrão, ambos ela consome
na verdade frígida dum coval.
Sendo assim...
— Não será um pecado enorme
gastar na morte tanto «vil metal»,
quando há crianças a chorar com fome?!

POESIA DE D'ELRÊGO

A NOSSA ESTANTE

1. **Terras Portuguesas.** Ed. dos Serviços Culturais da Shell Portuguesa, S.A.R.L.

Volume de 254 páginas, com inúmeras gravuras e um mapa desdobrável.

Trata-se de um livro de propaganda comercial da Shell Portuguesa, editado em 1959, que constitui um magnífico roteiro das terras de Portugal.

No texto, encontram-se informações curiosas sobre as diversas regiões do País, as suas características paisagísticas, a sua história e os seus monumentos.

As gravuras são excelentes e tornam o livro mais atraente.

A legenda da gravura que antecede a página 47 está errada: não se trata da antiga Sé de Aveiro, mas do Cruzeiro de S. Domingos e da velha igreja do convento dominicano, actualmente Catedral da Diocese restaurada.

2. **Dicionário da História de Portugal (Ilustrado).** Ed. das Iniciativas Editoriais, Avenida do Rio de Janeiro, 6, r/c. Lisboa.

Acabamos de receber o XI fascículo deste Dicionário, *publicado sob a direcção do historiador e ensaísta Prof. Dr. Joel Serrão e no qual colaboram consagrados investigadores e historiadores, tanto nacionais como estrangeiros.*

A obra é utilíssima e pode utilizar-se com grande confiança, mercê da competência e probidade dos que firmam os diversos artigos.

No presente fascículo, e de entre variadíssimos estudos de real interesse, merece especial referência o trabalho do Com. Teixeira da Mota sobre Cartografia e Cartógrafos Portugueses.

As ilustrações tornam mais atraente esta obra, que constitui um empreendimento digno dos maiores louvores.

3. **Relatório do Conselho de Administração e**

Continua na página 4

Antologia de Escritores Aveirenses

Nascem os humanos e, como propriedade natural, nasce com eles o desejo de saber — porque o afecto de adquirir ciência é o fim temporal que dirige a vida.

Crescem na idade; e em se dispondo para raciocinar, começam com ânsia infatigável a aprender.

/.../ E' a infância, para aprender, a idade mais apta, como a terra mais capaz de lavor na Primavera: por isso não há progressos de virtude nem sabedoria na adolescência, se não se lançarem os fundamentos na puerícia.

★

Senhor: Vossa Alteza deve considerar, antes de tudo, aquele axioma do Imperador Gordiano: que é lastimosa miséria de um Príncipe não ter quem lhe diga claramente as verdades; porque, como estas são moedas que correm, não pelo que valem, senão pelo que parecem, falsificadas pelos aduladores... quando o Príncipe se imagina rico se acha pobríssimo de desenganos.

Para evitar um tão grande dano, fora conforme a recta razão dos políticos que Vossa Alteza castigasse aos que praticam a lisonja como aos que falsificam a moeda; porém, como sendo tantos os delinquentes se dificulta a punição deste crime, sirva de pena aos aduladores ficarem desprezados e verem premiados os verdadeiros.

Adular aos Príncipes é espécie de perfídia: porque igualmente na traição e na lisonja, é meio a falsidade e fim a conveniência.

/.../ Anime pois Vossa Alteza com o prémio a verdade, desterre com o castigo a lisonja — seguindo o parecer do Rei mais sábio, que tem por melhor o amigo que com desenganos fere, que o fraudulento que com afagos adula.

★

E' indubitável a sentença proposta de que não são dispêndios as esmolas; e prova-se por três certíssimas conclusões: porque são pagas, depósito e redenção — e ninguém dirá com verdade que gaste quando rime, satisfaz e deposita.

Sendo certo que no supérfluo dos ricos tem direito a necessidade dos pobres, claro fica que por obrigação restitui aquele que caridoso o reparte.

A rectidão da lei natural a todos igualou nas possessões; e se o poder, depois, distinguiu os estados, não concedeu mais do que o usufruto — para que, tomando os opulentos o preciso, socorressem aos pobres com o sobejo, sem que o pretexto do decente fasto faça lícitos os excessos do luxo.

3 EXCERTOS DO «NÚMERO VOCAL» DO PADRE SEBASTIÃO PACHECO VARELA — Século XVII